



## **“O Robespierre leopoldense” – memória e representações de Lindolfo Collor na cidade de São Leopoldo**

Tiago de Oliveira Bruinelli\*

**Resumo:** A partir de questões propostas sobre produções de caráter biográfico e as íntimas relações possíveis com a memória e a identidade propostas por autores como François Dosse, Sabina Loriga, Roger Chartier, Peter Burke, entre outros, discute-se neste texto a apropriação da imagem de Lindolfo Collor, em diferentes momentos comemorativos da cidade de São Leopoldo, como um dos principais símbolos do desenvolvimento político/econômico do município; bem como exemplo máximo de labor, ética e integridade, atribuídos à imigração alemã – um dos pilares memorialísticos da cidade de São Leopoldo – e a Lindolfo Collor, considerado em diferentes momentos um dos mais destacados representantes da imigração alemã na cidade. Em diferentes contextos, sobretudo comemorativos à imigração alemã, ou mesmo em eventos que rememoram e/ou exaltam a história da cidade, Lindolfo Collor surgiu como figura lembrada por uma série de intelectuais ligados à cidade de São Leopoldo, que o exaltam, por exemplo, como o primeiro ministro do Trabalho, jornalista incansável e combativo, ferrenho defensor dos próprios ideais, e como grande perseguido durante o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas. Percebe-se também, nessas apropriações, grande interesse da família de Lindolfo, sobretudo no período de campanha eleitoral e estada na presidência da República do neto, Fernando Collor de Mello, em cristalizar e perpetuar um tipo de memória sobre Lindolfo, que pode ser considerada a “imagem oficial” do biografado até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** Memória; Biografismo; Imigração alemã.

**Abstract:** From proposals on issues of biographical productions and intimate relationship possible with memory and identity proposed by authors such as François Dosse, Sabina Loriga, Roger Chartier, Peter Burke, among others, this text discusses the appropriation of the image Lindolfo of Collor in different commemorative moments in São Leopoldo, as one of the main symbols of political/economic council, and epitome of labor, ethics and integrity, attributed to German immigration - one of the pillars of the memories in the city of São Leopoldo - and Lindolfo Collor, considered at different times one of the most prominent

---

\* Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Contato: [tiagobru@gmail.com](mailto:tiagobru@gmail.com).



representatives of German immigration in the city. In different contexts, particularly celebratory German immigration, or even events that recall and/or extol the city's history, emerged as Lindolfo Collor figure remembered by a number of intellectuals linked to the city of São Leopoldo, the haughty, for example, as Prime Minister of Labour, relentless and combative journalist, staunch defender of his own ideals, and how much persecuted during the Estado Novo (1937-1945) of Getúlio Vargas. One can also see in these appropriations, great interest Family Lindolfo, especially in the period of the election campaign and stay in the presidency of the Republic grandson, Fernando Collor de Mello in crystallizing and perpetuating a type of memory of Lindolfo, which can be considered the "look official" of the biographed until the present day.

**Keywords:** Memory; Biographism; German immigration.

Discutir sobre biografias de caráter histórico à luz de perspectivas da historiografia contemporânea implica, sem dúvida, na abordagem de novas ferramentas, olhares e interpretações sobre um dos temas mais “clássicos” dos últimos duzentos anos (ROJAS, 2000). A biografia, enquanto gênero, foi tanto reivindicada e promovida quanto criticada e desqualificada. Pensando questões que norteiam o gênero biográfico, propomos neste estudo uma análise de relatos biográficos sobre Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, e relações propostas em tais relatos, com o município de São Leopoldo.

Diferentes biógrafos destacaram Lindolfo Collor como personagem atuante na “Revolução de 1930”. A seu nome imputam a primazia pela instituição de leis trabalhistas no Brasil. É lembrado como o primeiro titular do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e muitos preferiram vê-lo primeiramente como “próspero” descendente de alemães, e igualmente como um símbolo do desenvolvimento da cidade de São Leopoldo.

Com propostas bastante semelhantes, com especializações temporais bem marcadas, diferentes narrativas destacam a importância da corrente migratória alemã para a história e para o desenvolvimento do município de São Leopoldo. Ainda enfatizam Lindolfo Collor como um de seus principais *símbolos*, considerado *ícone* de integração dos descendentes de imigrantes na vida política e social brasileira, mas também como exemplo de rígida – e eficaz – educação nos moldes germânicos, valorização da ética do trabalho e da imagem do imigrante alemão como responsável pelo desenvolvimento de São Leopoldo.



Para a maioria dos autores destas narrativas, Lindolfo Collor foi um “grande homem”, um homem que “fez história”. E para eles também é possível perceber, segundo Sabina Loriga (1998, p. 231), que “as qualidades pessoais, inclusive as dos grandes homens, não bastavam para explicar o curso dos acontecimentos e era preciso levar em consideração as instituições e o meio (a raça, a nação, a geração, etc.)”. Dessa forma, torna-se mais compreensível a associação sempre presente entre a imigração alemã e a figura de Lindolfo Collor.

Vale lembrar, segundo Halbwachs (2004), que as “estruturas da memória” são construídas e mantidas por determinados grupos sociais; processo também perceptível na produção memorialística sobre Lindolfo Collor em São Leopoldo. Esses grupos selecionam o que *é* e o que *não é memorável*. Quem determina o que será lembrado também determina a forma como será lembrado. Os atos de lembrança e esquecimento reconstróem, portanto, o passado, o tornam *maleável*, dando a ele os mais diferentes significados, que devem proporcionar sustentação lógica, organizando um passado para que este se adapte ao presente (BURKE, 2000).

Em contextos variados, intelectuais ligados à São Leopoldo, que até os dias de hoje, tenta por diversos meios cristalizar a imagem de “berço da imigração alemã”,<sup>1</sup> associaram e enaltecem a imagem de Lindolfo Collor como um dos frutos da imigração germânica, considerada como marco histórico e memorialístico da cidade, e também um dos principais motivos de seu progresso e desenvolvimento. Apesar da presença de diversas outras correntes migratórias, São Leopoldo, visando objetivos também turísticos, fomenta fortemente a ligação da sua história à presença do imigrante germânico, imagem essa, rememorada e fortalecida todos os anos na principal festa municipal, a *São Leopoldo Fest*, que tem por objetivo comemorar a chegada dos primeiros imigrantes alemães à região (WEBER, 2004).

O imigrante alemão do qual se fala nessas narrativas é o imigrante trabalhador, ético e próspero; mas também é o imigrante atento aos rumos da política nacional. Sendo assim, o biografado – Lindolfo Collor, sem levarmos em consideração os *sentimentos* que cada biógrafo nutre por ele, surge como grande exemplo do tipo imigrante desejado: alemão, trabalhador, ligado à família, ligado à terra que o acolheu, é jornalista renomado e por muitos,

---

<sup>1</sup> Em Dezembro de 2010, o município de São Leopoldo foi reconhecido como “Berço da Colonização Alemã no Brasil”, título que disputava com o município de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. O projeto de autoria do deputado federal Beto Albuquerque tramitava desde 2006, e foi aprovado no dia 14 de Dezembro de 2010 pela Comissão de Educação do Senado. Vale ressaltar que Nova Friburgo também recebeu imigrantes alemães, mas lá eles não teriam se instalado da mesma forma como em São Leopoldo.



reverenciado até os dias de hoje, é político de destaque, é participante da Revolução de 1930, é o primeiro pensador da *questão social* no Brasil, é primeiro Ministro do Trabalho, etc.

Seja para ressaltar elementos considerados importantes por um grupo familiar, uma classe política, ou mesmo um grupo étnico, tanto a biografia quanto a memória se inserem no que Chartier (2002) classifica como “representações”. Tais representações podem ser baseadas em instâncias coletivas ou indivíduos singulares, mas “marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe” (CHARTIER, 2002, p. 73).

Nessa perpetuação da existência de um grupo, uma memória – e o relato biográfico é uma de suas muitas formas de construção – está sujeita a hierarquias e classificações. Dessa forma, essa memória também define o que é comum a um grupo, o que o diferencia dos outros; enfim, “fundamenta e reforça sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLAK, 1989, p. 3).

\*\*\*

Frente a essas – e outras – problemáticas da memória, que perpassam um tipo de história da qual intelectuais ligados à São Leopoldo construíram e com o tempo cristalizaram, e também ao gênero biográfico como um todo, é possível *ter certeza* sobre quem foi Lindolfo Collor? Em linhas gerais podemos afirmar que Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor nasceu em 1890, em São Leopoldo<sup>2</sup>. O pai, João Boeckel, era músico amador e sapateiro; a mãe, Leopoldina Shreiner, era dona de casa. Ambos eram descendentes de alemães, chegados ao Brasil em 1824.

Com a morte do marido, Leopoldina mudou-se com os filhos para São Gabriel da Estrela, (hoje Cruzeiro do Sul). Novamente se desloca para Barra do Ribeiro, onde casa-se mais uma vez com outro descendente de alemães, João Antônio Collor. O sobrenome “Collor”, afirma Licurgo Costa (1990), será incorporado por Lindolfo em virtude do grande afeto que ele sentia pelo padrasto. Lindolfo mais tarde transferiu-se para Rio Grande onde frequentou o Seminário Presbiteriano. É durante esses anos que estuda a Bíblia e interessa-se pelas ideias do papa Leão XIII. O ecumenismo será, mais tarde, parte importante do seu pensamento político, afirma Clodomir Vianna Moog (1976).

---

<sup>2</sup> O local exato do nascimento de Lindolfo Collor não é informado em sua certidão de batismo, diz-se apenas que é em São Leopoldo. Contudo, o município em 1890 tinha configuração geográfica diferente da atual, e não foi possível precisar se o local no qual Lindolfo Collor nasceu ainda pertence ao município de São Leopoldo ou a algum município vizinho, emancipado do mesmo. Uma fotocópia da certidão de nascimento de Lindolfo Collor encontra-se no Acevo Vianna Moog, no ADOPE – Acervo Documental e de Pesquisa da Biblioteca da UNISINOS.



Em 1907 Lindolfo mudou-se para Porto Alegre, onde realizou curso preparatório e talvez tenha sido aluno do famoso professor Emílio Meyer, também natural de São Leopoldo. Em 1909 Lindolfo fixa residência em Bagé, onde inicia carreira jornalística como repórter pelo *Jornal do Comércio*. Em 1911 muda-se para o Rio de Janeiro, onde também trabalhará no *Jornal do Comércio* da capital daquele estado.

Em 1914 Lindolfo se casou com Hermínia de Souza e Silva, filha de Bartolomeu de Souza e Silva, proprietário do jornal *A Tribuna*. O casamento mostrou-se vantajoso para Lindolfo, pois além de uma esposa inteligente e amorosa, como salienta Leda Collor de Mello (1988), ele tornou-se diretor do jornal do sogro. Transitando pelo meio jornalístico, Lindolfo tornou-se amigo de Pinheiro Machado, personagem de destaque na vida política nacional no início do séc. XX. Através de Pinheiro Machado inicia-se a trajetória de Lindolfo no *Partido Republicano Rio-Grandense* (PRR).

Em 1921 Lindolfo foi eleito para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (na ocasião conhecida por Assembleia dos Representantes) pelo PRR. Em 1924 e 1928 foi eleito duas vezes como Deputado Federal, fazendo parte das Comissões de Finanças e de Relações Exteriores. Entre 1925 e 1928 fez viagens participando das delegações brasileiras no Uruguai, Cuba e França. Em outubro do ano de 1930, juntamente com as forças de Getúlio Vargas ajuda na tomada do Quartel General do Comando da Região Militar de Porto Alegre. Em dezembro do mesmo ano Lindolfo Collor tomou posse como 1º titular do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio do Brasil. Em 1931 teve destacada participação na elaboração da estrutura da legislação social brasileira, considerada por Ricardo Vélez Rodríguez (1988) como base dos direitos trabalhistas, consagrados no Brasil em 1943 com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Em 1932, opondo-se a Getúlio Vargas pelo empastelamento de do jornal *Diário Carioca*, Lindolfo Collor demite-se do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e retorna para Porto Alegre. Em julho do mesmo ano junta-se aos “rebeldes” da Revolução Constitucionalista de 1932. Em setembro, dada derrota dos “rebeldes”, refugia-se no em Montevidéu (Uruguai), Buenos Aires (Argentina) e Lima (Peru). Volta ao Rio de Janeiro em 1934 pela *anistia* concedida aos revoltosos de 1932. Em 1936 foi nomeado Secretário da Fazenda do Rio Grande do Sul, cargo que abandona em 10 de novembro de 1937, logo após Getúlio Vargas ter instaurado a ditadura do Estado Novo (1937-1945).

O ano de 1938 para Lindolfo Collor foi marcado por uma série de prisões no Rio de Janeiro, e assim ele decide sair do país em 1939. Viaja para a Alemanha e depois para a



França. Com o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mudou-se para Lisboa, em Portugal. Em 1941 recebe autorização para regressar ao Rio de Janeiro, onde volta a atuar na Companhia de Seguros Sul América. Nesse ano será preso mais uma vez. Depois de ser acometido por forte pneumonia, Lindolfo Collor faleceu no Rio de Janeiro, aos 52 anos, em 21 de setembro de 1942.

\*\*\*

Pensando mais detidamente a utilização da imagem de Lindolfo Collor em São Leopoldo, em um primeiro momento, deve-se considerar que a maioria – senão talvez a totalidade – das narrativas biográficas sobre Lindolfo Collor produzidas na cidade o foram em momentos festivos do município e/ou em ocasiões comemorativas sobre as correntes migratórias em âmbito estadual, sobretudo a alemã, o que invariavelmente produziu textos de teor *laudatório*. François Dosse (2009, p. 96) pergunta: “Por que se escrevem biografias? Nunca, sem dúvida, alguém escreveu a vida de outro homem só com vistas ao conhecimento”. Dosse segue afirmando que em geral, os biógrafos não se dão conta disso, mas quando se escreve sobre a vida de alguém, se tem a pretensão mesmo velada, de lançar uma visão totalizante da vida do biografado, e também projetar características próprias do autor, do meio em que se escreve, e de angústias, pretensões e necessidades do contexto de produção dessa narrativas. Mesmo que a imagem de Lindolfo Collor nunca tenha *desaparecido* das discussões históricas, percebe-se, *a priori*, uma maior utilização e difusão da narrativa de sua vida por intelectuais ligados ao município de São Leopoldo em três momentos distintos.

- 1) O primeiro momento se passa na produção dos *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*, de 1946, quando ocorre a comemoração do primeiro centenário da elevação de São Leopoldo à categoria de vila (PETRY, 1964).
- 2) Um segundo momento ocorre em 1976, no Instituto Histórico de São Leopoldo, em conferência no *II Simpósio de Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, um fruto indireto das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã (1974) e da fundação do Instituto Histórico de São Leopoldo (1975).
- 3) O terceiro momento ocorre em 1990, quando se comemora o centenário de nascimento de Lindolfo Collor, que irá coincidir com o *IX Simpósio de Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Na mesma ocasião ocorreu um ciclo de palestras realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, bem como demais eventos comemorativos.

\*\*\*



Em 1946, o Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., tido como um dos primeiros biógrafos de uma série de personalidades “ilustres”, sendo Lindolfo Collor uma delas, apresenta o texto o texto *Filhos Ilustres de São Leopoldo* no I Congresso de História e Geografia de São Leopoldo.<sup>3</sup> O texto introdutório dos *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*, onde o texto será publicado em 1947, foi assinado por Carlos de Sousa Moraes, prefeito do município de São Leopoldo na época, e versa sobre uma série de eventos festivos realizados por ocasião do centenário de 1946, abrangendo inúmeras solenidades e conferências antes da realização do Congresso de História e Geografia *comemorativo* da elevação de São Leopoldo à categoria de vila. Tais eventos tinham por principal preocupação reunir fontes documentais que dessem conta de um maior conhecimento da história local. Sobre isso, ressalta-se no texto, a compilação de documentos e monografias sobre personalidades locais e também sobre o início da colonização alemã em São Leopoldo.

O transcurso do primeiro centenário do vilamento de São Leopoldo constituía, quando tratámos de elaborar o programa comemorativo de festejos, esplêndida oportunidade para realização de um congresso de História e Geografia, que representaria – estávamos certos – o acontecimento mais significativo e marcante das comemorações. (*sic.*) Nosso interesse pela história dêste município manifestou-se desde os primeiros momentos em que nos pusemos em contato com monografias e documentação referentes ao *início da colonização alemã em nosso Estado e a homens e fatos da vida local* (grifos nossos). [...] Urgia a reunião, a catalogação de documentos, escritos e fotográficos, o registro da tradição oral ainda muito rica e bem viva e o incitamento à redação de memórias, teses e outros estudos capazes de constituírem a História de São Leopoldo, que aguarda ainda seu historiador. (*sic.*) (Carlos de Souza Moraes – discurso de abertura do evento, nos *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*).

Portanto, há de se considerar que a seleção de publicações tem por principal objetivo destacar o desenvolvimento do município de São Leopoldo, usando como exemplos, “homens e fatos da vida local”. Nesse sentido, a relação das teses apresentadas versa sobre a própria Feitoria do Linho Cânhamo e a constituição do que viria a ser São Leopoldo mais tarde, a “assimilação cultural” dos colonos alemães, o próprio desenvolvimento social, econômico e político da cidade, assim como “filhos ilustres” da mesma.

---

<sup>3</sup> Este texto foi publicado pelas Oficinas Gráficas da Livraria do Globo em 1947 nos *Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*, mas é fruto do primeiro congresso realizado em São Leopoldo, que teve o patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, por solicitação da prefeitura do município de São Leopoldo.





Bastante significativo sobre esse aspecto – homens e fatos da vida local – é o texto do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., intitulado *Filhos Ilustres de São Leopoldo*, no qual o autor concatena alguns personagens de destaque na vida política, econômica e social de São Leopoldo.<sup>4</sup> O autor inicia seu texto informando que, “por motivos óbvios e plausíveis, apresentaremos no seguinte mostruário exclusivamente alguns dos filhos do município de São Leopoldo que mais dignificaram a terra do seu berço, mas que já partiram para a eternidade” (JAEGER, 1947, p. 95).

O relato do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J., apesar de utilizar-se de estruturas cronológicas para narrar a vida dos sujeitos, não tem por intenção criar uma história de vida completa, ou seja, seguir necessariamente as trajetórias de vida de seus biografados do nascimento à morte<sup>5</sup>. O biógrafo prefere destacar pontos principais pelos quais ele julga que seus biografados merecem, antes de tudo, ser lembrados. Para o autor, “Collor enveredou desde muito jovem pela estrada da luta. Lutou durante toda a vida [...]” (JAEGER, 1947, p. 109).

O Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J. conta sobre a infância humilde de Lindolfo Collor, nascido Lindolfo Boeckel em 1890 e prossegue sobre a adolescência de Lindolfo, quando este consegue um emprego no *Jornal do Comercio*. Lá, diz o autor, Lindolfo estava sempre às voltas com disputas com outros jornalistas, mas “coisa rara naquela idade, não se inflamava, não se excedia nos conceitos, não se desmandava no estilo” (JAEGER, 1947, p. 110). Era, portanto na sua adolescência, um “modelo” do que viria a ser mais tarde na vida política. O comedimento, a retidão e a justa medida atribuídos a Lindolfo Collor o aproximavam de autores greco-romanos, como Xenofonte, Tucídides, Plutarco, etc., que Lindolfo Collor lia quando era criança (MAROBIN, 1992, p. 37), e que vai citar mais tarde em sua produção.

Uma das tônicas do relato de Luiz Gonzaga Jaeger está no processo “revolucionário” de 1930, que é onde Lindolfo Collor se destaca de forma mais atuante, sendo que depois da posse de Getúlio Vargas, torna-se o primeiro Ministro do Trabalho. Inclui a destacada atuação política durante a Revolução de 1930, ainda ao lado de Getúlio Vargas, o período entre 1930 e

---

<sup>4</sup> Dentre as personalidades destacadas pelo autor figuram o professor Emilio Meyer (1856-1939, João Fialho Dutra (1862-1939), o Pe. Pedro Schneider, S.J. (1866-1931), e Lindolfo Collor (1890-1942).

<sup>5</sup> Para Bourdieu (2002) a concatenação de acontecimentos de uma vida em ordem linear e cronológica, tenta nos apresentar um caminho mais inteligível da vida de determinada personagem. O autor lança mão de uma série de expressões, tais como “desde cedo”, “lutou toda a vida”, “desde logo”, etc., que tem como um dos objetivos criar uma existência lógica, eivada de sentido necessário, determinado; tornando assim, a vida do biografado mais inteligível. Na grande maioria das vezes, conhece-se de antemão o desfecho dessa existência – como é o caso de Lindolfo Collor - mas a relação de eventos e obstáculos conduz como um “romance”, em que até já se pode imaginar o final.





1932, quando é Ministro do Trabalho, e a posterior guinada política, quando se coloca contrário ao poder central de Vargas, e cai num período de ostracismo político até sua morte em 1942.

Luiz Gonzaga Jaeger escreveu em 1946. Assim como biógrafos posteriores, enfatiza o momento de discórdia política – mais tarde pessoal – entre Lindolfo Collor e Getúlio Vargas, tanto que se refere à Vargas em seu texto quase sempre como “o Ditador”. O autor destina também um espaço em sua narrativa para o ostracismo político de Lindolfo Collor, bem como às perseguições que o biografado enfrentou durante o Estado Novo de Vargas (1937-1945), mesmo que esse ponto da narrativa não seja muito aprofundado ou explicado.

O momento político em que Luiz Gonzaga Jaeger escreve situa-se na presidência de Eurico Gaspar Dutra, que assumiu depois da saída de Getúlio Vargas em 1945. Vale lembrar que Vargas voltaria à presidência – dessa vez em pleito direto e democrático – em 1951. Nesse interregno, Luiz Gonzaga Jaeger já enfatiza a discordância política entre Vargas e Collor. O Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo, como dito anteriormente, tem como principal proposta focar a vida política do município, elencando personalidades que o destacaram em âmbito maior. E vale perguntar: na ocasião, Lindolfo Collor não seria mesmo o *ícone* mais indicado de desenvolvimento da cidade de São Leopoldo, dada sua projeção política?

Percebe-se uma tônica de caráter *ufanista*, a uma valorização do município, quando o autor disserta sobre personalidades leopoldenses que se destacaram em diferentes áreas. Em grande medida também, esse destaque é direcionado a personalidades ligadas à imigração alemã, apesar de o município não contar exclusivamente com essa corrente migratória.

\*\*\*

O segundo momento no qual a figura de Lindolfo Collor volta a ser destacada é durante as comemorações acerca do Biênio da Imigração (1974/1975) e Colonização e no Sesquicentenário da Imigração Alemã (1974). Neste contexto, desataca-se o texto de Clodomir Vianna Moog, *O Leopoldense Lindolfo Collor*. Esta narrativa não tem por objetivo uma biografia completa, do nascimento à morte; e sim, elencar acontecimentos considerados mais importantes pelo autor, que carrega seu relato com forte carga testemunhal<sup>6</sup>. Clodomir

---

<sup>6</sup> Em passagem do relato o autor se questiona sobre a dificuldade em escrever sobre uma personalidade tão contemporânea, pois como – e o quê - escrever sobre quem “as paixões implacáveis e sobre quem, por falta de perspectiva nas dimensões do tempo, ainda não desceu o julgamento definitivo da posteridade?” (MOOG, 1976, p. 19-20). Aqui parece que Vianna Moog também espera que a posteridade, assim como Luiz Gonzaga Jaeger,



Vianna Moog faz um depoimento pessoal de suas impressões e lembranças a respeito de Lindolfo Collor. O autor conviveu com Lindolfo e se propôs a traçar o “retrato histórico e caracterológico do mais ilustre dos leopoldenses” (MOOG, 1976, p. 19).

O ano de 1974, em São Leopoldo, data da comemoração do Sesquicentenário da Imigração Alemã no município coincidiu com os festejos de âmbito estadual entre 1974 e 1975, acerca do Biênio da Colonização e Imigração. As comemorações do biênio tinham por objetivo “homenagear as diversas correntes étnicas que se fixaram no Rio Grande do Sul” (*Relatório do Biênio da Colonização e Imigração*, 1976, p. 6), como portugueses, árabes, espanhóis, negros, japoneses, poloneses, italianos, alemães, etc.<sup>7</sup>

A proposta produziu além de festejos, publicações que enalteciam a chegada de diferentes correntes migratórias ao Rio Grande do Sul, pois,

Os imigrantes se integraram no espírito brasileiro, de corpo e alma, e nos trouxeram um riquíssimo legado de valores culturais e humanos. Num clima de entusiasmo e de vibração, todo o povo gaúcho se uniu nesse movimento de civismo e de exaltação do passado. Vivemos momentos de solidariedade, de confraternização, de integração e de comunhão de espírito (*Relatório do Biênio da Colonização e Imigração*, 1976. p. 6)

Foram comemoradas as contribuições materiais e/ou culturais dos diferentes grupos migratórios, pensando tal atitude como “um apelo ao dever cívico, exaltar a obra daqueles que após lutas longas e ásperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território deste Estado, incorporando-o à Pátria comum” (*Relatório do Biênio da Colonização e Imigração*, 1976, p. 11). Em 1974 ocorreriam ainda comemorações sobre o Sesquicentenário da Imigração Alemã, e em 1975, acerca do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração podem ser pensadas também como forma de transmitir uma ideia de integração do Rio Grande do Sul ao Brasil, através da influência das diferentes correntes migratórias. Vale lembrar que durante muito tempo, inclusive historiograficamente, o Rio Grande do Sul se definiu por suas diferenças em relação a outras regiões do território nacional, sendo considerado inclusive, em diversos momentos, como “à parte”, por suas idiosincrasias.

---

julgue o biografado, mas apenas depois de um distanciamento histórico considerável, depois de um “arrefecimento das paixões”.

<sup>7</sup> As comemorações foram iniciativa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, que através do decreto nº 22.410 (de 22 de abril de 1973) instituiu o “Biênio da Colonização e da Imigração e dá outras providências”.



Em síntese, é possível pensar que a iniciativa do Governo do Estado sobre as comemorações envolvendo o Biênio da Colonização e Imigração visou a promoção e a projeção do Rio Grande do Sul fora do âmbito de suas fronteiras, pois criou uma imagem bastante favorável da sociedade rio-grandense – de seus “grandes homens”, associando seu desenvolvimento a partir das contribuições de diferentes correntes migratórias. Construiu-se com os festejos, em grande medida, a imagem de uma sociedade devotada ao entendimento, à solidariedade, à ordem e ao bem estar social.

Em São Leopoldo ocorreram dois Simpósios de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul – um em 1974, o outro em 1976 – que de certa forma foram “embarcados” por este espírito de comemoração à corrente migratória alemã. Em Sessão Plenária realizada em 14 de setembro de 1974, ao final do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul,<sup>8</sup> o então prefeito de São Leopoldo, Henrique da Costa Prieto, aprova uma moção que considera todos os “ensinamentos” do primeiro simpósio como experiência bastante proveitosa para a escrita da história do município, possibilitando reunião de material e a preparação de dissertações sobre os temas propostos. Essa Sessão Plenária propôs ainda,

[...] a efetivação, nessa cidade, de dois em dois anos, de simpósios que provoquem a mais ampla investigação de temas que digam respeito à formação e evolução do município de São Leopoldo, particularmente, e do Rio Grande do Sul [...] (*Anais do Primeiro Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 1974, p. 30).

Em 1976, na realização do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, aparece o nome de Lindolfo Collor como um dos “símbolos” que novamente associam todo um viés positivo de trabalho, desenvolvimento, integração do imigrante à sociedade nacional, etc., com o crescimento do próprio município de São Leopoldo, o “berço” dessa corrente migratória que tantos “benefícios” teria trazido para o incremento material e/ou cultural do Brasil.

Os anais desse primeiro simpósio foram considerados por Rodolfo Englert,<sup>9</sup> presidente da Comissão Executiva dos Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã,

<sup>8</sup> À medida que outras etnias passaram a ser contempladas por textos e dissertações, e o Instituto Histórico de São Leopoldo foi se vinculando com a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, a palavra “alemã” foi suprimida. A partir do X Simpósio, realizado em 1992, tais eventos passaram a se intitular *Simpósio de História da Imigração e Colonização*.

<sup>9</sup> Rodolfo Englert publicou nos mesmos *Anais* de 1974 um artigo sobre o professor Luiz Englert, antepassado seu, igualmente natural de São Leopoldo que se destacou como Deputado Estadual pelo Partido Republicano durante a Primeira República. Luiz Englert ficou conhecido também como um dos mais destacados professores



como demonstração de que “as celebrações de 1974 não tiveram caráter meramente festivo. O conteúdo cultural sempre esteve presente, e um dos marcos significativos foi, [...] o I Simpósio de História, realizado na histórica cidade de São Leopoldo” (*Anais do I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã*, 1974, p. 4). A grande maioria dos artigos publicados nesses *Anais* dava conta de um “resgate” da atuação de alguns imigrantes alemães de e/ou em São Leopoldo, como Theodomiro Porto da Fonseca<sup>10</sup>, Luiz Englert<sup>11</sup> e Henrique José Wiederspahn,<sup>12</sup> e também sobre as contribuições dos imigrantes alemães para a cultura do sul do Brasil.

O 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul teve grande ênfase na criação do Instituto Histórico de São Leopoldo, embora já houvesse referências à necessidade da criação de um instituto deste tipo no município antes de 1974. Assim, as comemorações acerca do Sesquicentenário da Imigração Alemã também foram “responsáveis” pela criação do Instituto Histórico de São Leopoldo. Assim, durante o 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul já havia a proposta de um trabalho conjunto do recentemente fundado Instituto Histórico de São Leopoldo com o Museu Histórico da mesma cidade, duas entidades com objetivos bastante próximos. Data do ano de 1976, portanto, o discurso e o texto de Clodomir Vianna Moog, um dos “biógrafos” de Lindolfo Collor.

Vianna Moog inicia o relato comentando o grande desejo de produzir uma biografia sobre “seu amigo” Lindolfo Collor,<sup>13</sup> que “como toda gente sabe, ou talvez não saiba, dado o silêncio que se foi feito em torno de seu nome, foi o primeiro Ministro do Trabalho do Brasil” (MOOG, 1976, p. 19). Vianna Moog salienta a grande importância que Lindolfo Collor dava a seu local de origem: São Leopoldo. Fundamenta tal afirmação no fato de que Lindolfo Collor, numa coletânea de artigos compilados e transformados em livro depois de sua morte, obra intitulada *Sinais dos Tempos*, rememora de forma saudosista aspectos da infância em sua

---

de ensino superior na Escola de Engenharia da UFRGS, e foi o primeiro gaúcho a se diplomar Engenheiro de Minas e Civil. Flavio Heinz (2009), ao discutir políticas desenvolvimentistas do Estado Brasileiro durante a Primeira República, identifica que muitos professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre tinham origem e descendência germânicas, contribuindo para que a Escola de Engenharia de Porto Alegre fosse, até pelo menos 1930, a mais “germânica” das instituições desse tipo no estado.

<sup>10</sup> Theodomiro Porto da Fonseca. Prefeito do município de São Leopoldo entre os anos de 1928 e 1944.

<sup>11</sup> Luis Englert. Ver nota 9.

<sup>12</sup> Henrique José Wiederspahn. Famoso engenheiro portoalegrense, nascido na Alemanha (1882-1948).

<sup>13</sup> Vianna Moog, em julho de 1944 publicou o primeiro texto no qual versa sobre Lindolfo Collor, um artigo publicado na revista *Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira* (n. 8) no Rio de Janeiro. O artigo em questão é também um depoimento pessoal, no qual Vianna Moog destaca toda a admiração que sentiu por Lindolfo Collor ao descobrir que esse “herói” não era da “Fronteira nem da Serra – celeiro de nossos grandes homens de então – não era de origem rural, mas de origem burguesa como a minha, nascera como eu no pacato São Leopoldo”.



“terra natal”. Pensando no valor dado por Collor a seu local de origem, e levando essas memórias em consideração, Vianna Moog entende que, “[...] São Leopoldo havia de ser o lugar adequado para os depoimentos a surgir sobre sua vida e sua obra” (MOOG, 1976, p. 19).

Parece-nos que esse relato biográfico insere-se na no que de Moreira (2011), pensando sobre a obra de Vianna Moog, classifica como as chamadas *ilhas literárias*, ou seja, regiões como a do Amazonas, Nordeste, Rio Grande do Sul, etc. Nessas zonas, Vianna identificava questões que ele considerava prementes de solução, além de exemplos de diferentes tipos humanos que haviam se destacado nessas esferas de influência; *símbolos* de temas e problemas nacionais. Para o Rio Grande do Sul, Vianna Moog utilizou-se, entre outros, de Lindolfo Collor e imputou a ele grande importância na constituição das leis trabalhistas brasileiras.<sup>14</sup>

Vianna Moog será o primeiro a “denunciar” o “silêncio” e o “esquecimento” de historiadores e ensaístas sobre a figura de Lindolfo Collor. Uma espécie de “complô”, como denunciava Vianna Moog, para valorizar Getúlio Vargas, em detrimento de Lindolfo Collor, no que tangia às propostas e leis que teriam regido os vigamentos da legislação trabalhista e social iniciada por Lindolfo durante seu período no Ministério do Trabalho (1930-1932).<sup>15</sup>

O texto de Clodomir Vianna Moog, (1976), assemelha-se, guardadas as proporções, ao texto do Pe. Luiz Gonzaga Jaeger (1946), pois foi realizado em um momento em que o município, de certa forma, “comemorava” a criação recente de seu Instituto Histórico. A instituição chegou a ser descrita por Germano Oscar Moehlecke, em discurso realizado em 1976, durante o 2º Simpósio, como um espaço para “promover e divulgar estudos e pesquisas que se relacionam com a história do Rio Grande do Sul, particularmente no tocante à imigração e colonização alemã” (*Anais do Segundo Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, 1976, p. 15).

---

<sup>14</sup> Ainda se discute na historiografia a importância de Lindolfo Collor e de suas propostas. Teriam elas sido realmente os “vigamentos da legislação trabalhista brasileira” (VÉLEZ RODRÍGUEZ, 1998), ou precisaram ser “superadas” e mesmo “descartadas” para que uma legislação mais eficiente desse lugar a elas (ROSE, 2001)? Seja como for, em artigo publicado no periódico *Sumário Econômico* da Confederação Nacional do Comércio, em 1990, Lindolfo é exaltado pela “eficiente estrutura trabalhista que instituiu”, com muitas resoluções e propostas ainda bastante atuais, destaca o artigo, mas que foram ofuscadas pelas divisões do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, tempos depois.<sup>14</sup> O autor do artigo ainda acredita que as resoluções de Lindolfo Collor seriam de grande utilidade para o neto, Fernando Collor de Mello, durante a presidência.

<sup>15</sup> Em grande medida, essa imagem de “esquecido” e “caluniado”, pela primeira vez veiculada com mais força em São Leopoldo por Vianna Moog, encontra eco na biografia coligida por Leda Collor de Mello – filha do biografado, *O Retrato de Lindolfo Collor* (1988).



Além disso, a própria temática que norteou as produções desse 2º Simpósio dava conta do desenvolvimento histórico de São Leopoldo, com textos versando sobre a evolução urbana, os primórdios do policiamento na colônia, o desenvolvimento dos cinemas, etc. Notabilizaram-se também imigrantes alemães e descendentes que se destacaram na sociedade leopoldense, como o professor Friedrich Bieri, suíço que foi pioneiro do espiritismo no Rio Grande do Sul, e o próprio Lindolfo Collor, descendente de alemães nascido em São Leopoldo.

\*\*\*

O terceiro contexto onde o nome de Lindolfo Collor se destaca bastante ocorre ao longo do ano de 1990,<sup>16</sup> que marcou comemorações sobre o centenário de nascimento de Lindolfo Collor ocorridas por todo o Brasil, e também mais localmente, no município de São Leopoldo. Ocorreu a produção de textos sobre este tema tanto no Instituto Histórico de São Leopoldo quanto em publicação do periódico, *Estudos Leopoldenses*, revista de História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que dedicou uma edição inteira a esse personagem.

Na ocasião, destaca-se, por exemplo, o texto de Telmo Lauro Müller, *Lindolfo Collor fruto da imigração alemã*. Neste relato o autor comenta da necessidade de “recordar Collor como filho dessa cidade; sua vibração ao visitá-la, sua opinião sobre as ruas; era preciso lembrar Collor como fruto da imigração que aqui começou em 1824” (MÜLLER, 1998a, p. 210). Telmo Lauro Müller, diretor do Instituto Histórico de São Leopoldo durante certo tempo, era considerado referência em estudos de imigração, principalmente em São Leopoldo. Foi idealizador e fundador do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, e no Instituto Histórico de São Leopoldo ocupava a cadeira de nº 19, cujo patrono era Lindolfo Collor.

Nesse texto, Telmo Lauro Müller não tem por objetivo produzir uma trajetória de vida completa – do nascimento à morte – mas concatena a maioria dos fatos relativos a Lindolfo Collor de forma cronológica, linear. Assim, construiu uma narrativa constante, no qual o principal objetivo parece ter sido extrair uma lógica retrospectiva dos fatos.

---

<sup>16</sup> Há de se destacar que o nome de Lindolfo Collor, tanto em publicações do Instituto Histórico de São Leopoldo, quanto em outras, de âmbitos estadual e municipal praticamente “desaparece” depois das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã. Contudo, o nome Collor ainda aparece citado por alguns trabalhos realizados durante a década de 1980, como, por exemplo, o *Simpósio sobre a Revolução de 30* (UFRGS), mas a maioria dos autores que evocou o nome de Collor está mais preocupada em associá-lo aos direitos trabalhistas do que a um *protótipo* de imigrante alemão, ou mesmo símbolo do desenvolvimento do município de São Leopoldo.





São Leopoldo vale lembrar, originou-se da Feitoria do Linho Cânhamo, empreendimento comercial do Império Português de cultivo de diversos produtos, sobretudo o cânhamo ligado à produção têxtil. Antes da chegada dos alemães, em 1824, havia forte presença da mão de obra escrava africana – que convém afirmar, não termina com a chegada dos alemães. Telmo Lauro Müller é enfático, por exemplo, ao afirmar que a história “oficial” de São Leopoldo começa com a imigração alemã de 1824. Mais ainda, ele diz que a própria história do Rio Grande do Sul pode ser dividida em *antes* e *depois* dessa data (MÜLLER, 1998b, p. 211), assumindo evidente postura germanófila.<sup>17</sup>

Citando discursos e textos redigidos para jornais, o autor afirma que o próprio Lindolfo Collor comungava em parte dessa concepção, e sempre que possível, a explicitava. Em 1929, por exemplo, Lindolfo discursou em jantar comemorativo ao seu retorno a São Leopoldo. Em sua fala, Lindolfo destacou a “operosa estirpe dos Boeckel” (nome do meio de Lindolfo, herdado do pai biológico) e “de sua perfeita adaptação ao meio brasileiro”, onde “amaram e serviram a colônia, a vila, a cidade, o município”, buscando “sua dignidade e seu engrandecimento” (apud MÜLLER, 1998a, p. 213).

Nesse sentido, faz-se importante destacar a preocupação inicial do autor, ou seja, da necessidade de falar de Lindolfo Collor como “filho” de São Leopoldo. Até a atualidade, a cidade de São Leopoldo construiu sua História e sua memória como o berço da imigração alemã. Telmo Lauro Müller conclui afirmando mais uma vez que São Leopoldo deve sentir-se orgulhosa de Lindolfo Collor. Ele poderia, utilizando os espaços políticos, angariar fortuna, mas segundo esse autor, ele não fez isso. O próprio Lindolfo teria dito que “a dignidade dos gestos significam mais para mim do que toda a fortuna política” (COLLOR, 1937 apud MÜLLER, 1998a, p. 217). Dessa forma, Lindolfo Collor constitui para São Leopoldo uma grande “herança moral”, que deve “envaidecer São Leopoldo pelo privilégio de ter dado um nome de tal fulguração ao Brasil” (MÜLLER, 1998a, p. 217).

A narrativa de Telmo Lauro Müller sobre Lindolfo Collor, igualmente como as anteriores, evidencia como um relato (nesse caso de cunho biográfico) pode servir a diversos interesses, e como a repetição sistemática de certos pontos de vista pode criar uma

---

<sup>17</sup> A “operosidade” do imigrante alemão que chega em 1824 se dava em diversos âmbitos, e para o autor, ela pode começar a ser procurada pelos sobrenomes desses imigrantes. Dizia ele que o alemão se reconhece pela própria atividade que exerce: o artesão era *Handwerker*, o tecelão era *Weber*, o sapateiro era *Schuster*, etc. esses sobrenomes são conhecidos na atualidade, e segundo o autor, eles já indicavam o desejo de trabalhar e prosperar desses primeiros imigrantes.





cristalização ao redor de determinadas características imputadas ao biografado, sobretudo no que tange à associação dessa figura com a cidade de São Leopoldo.

Além da publicação dos Anais referentes ao IX Simpósio de Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, no ano de 1990 teve lugar também um ciclo de palestras intitulado *A vida e a obra de Lindolfo Collor*, realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), entre os dias 23, 24 e 26 de julho. O ciclo de palestras abrangia textos de diversos acadêmicos, que ressaltavam diferentes facetas do homenageado.<sup>18</sup>

Na ocasião, além da realização do ciclo de palestras, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos inaugurou também uma placa comemorativa do centenário de nascimento de Lindolfo Collor, ocasião em que Leda Collor de Mello, filha de Lindolfo, estava presente.<sup>19</sup>

O reitor da universidade na época, Dr. Aloísio Bohnen, fez pronunciamento onde destacou a convergência das comemorações do centenário de Lindolfo Collor com os 166 anos da imigração alemã em São Leopoldo. No discurso são rememorados problemas pelos quais passaram os primeiros imigrantes, pois “terríveis foram as dificuldades por eles enfrentadas, mas o trabalho e o ideal, tudo venceram. [...] A ânsia do progresso impulsionou-os para a frente” (Lindolfo Collor: homenagem por ocasião do centenário de seu nascimento. *Estudos Leopoldenses*, 1991, p. 7). A seguir, o discursante destaca que, “da estirpe destes heroicos antepassados que, tombaram, quase todos, anonimamente, revela um rebento que glorifica São Leopoldo e honra o Brasil: Lindolfo Collor” (Lindolfo Collor: homenagem por ocasião do centenário de seu nascimento. *Estudos Leopoldenses*, 1991, p. 7).

Destaca-se, a seguir, a atuação do homenageado em diversos campos, como o jornalismo, historiografia, o cuidado daquele que “soube auscultar os anseios do povo” (Lindolfo Collor: homenagem por ocasião do centenário de seu nascimento. *Estudos Leopoldenses*, 1991, p. 8). Em suma, “difícil é, na verdade, dizer por qual das facetas enumeradas mais sobressaiu, porque tudo em Lindolfo Collor aspirava ao ‘Plus ultra’ (para além)!” (Lindolfo Collor: homenagem por ocasião do centenário de seu nascimento. *Estudos Leopoldenses*, 1991, p. 8).

---

<sup>18</sup> Por exemplo, a A Profa. Dra. Helga Iracema Landgraf Piccolo (UFRGS), por exemplo, destacou a atuação de Lindolfo Collor durante a “Revolução de 1930”; o Prof. Luis Marobin (UNISINOS) enfatizou a produção de Lindolfo Collor nos campos do jornalismo e da literatura; enquanto o Prof. Sérgio Farina (UNISINOS) debateu sobre a importância dos escritos de caráter jurídico de Lindolfo Collor, e suas contribuições ao Direito Brasileiro.

<sup>19</sup> Na placa se pode ler a seguinte inscrição: “A Lindolfo Collor. Ilustre cidadão leopoldense que arquitetou e lançou os vigamentos da legislação social do Brasil, na qualidade de primeiro titular do Ministério do Trabalho”.



O discursante ainda aponta que o momento no qual o evento está sendo realizado é de suma importância para a história do Brasil, pois “as novas esperanças de um Brasil melhor”, buscado, sobretudo pelos trabalhadores que foram uma das grandes preocupações de Lindolfo Collor, encontram um foco através “de seu emérito neto, o ilustre Presidente da República, Dr. Fernando Collor de Mello” (Lindolfo Collor: homenagem por ocasião do centenário de seu nascimento. *Estudos Leopoldenses*, 1991, p. 8).

Tanto os textos produzidos, quanto o discurso do reitor Dr. Aloísio Bohnen feito na ocasião podem ser pensados, segundo LeGoff (1990), como *documentos*; a placa comemorativa, por sua vez, pode ser pensada como um *monumento*. O monumento, mais até do que o documento reveste-se de aura de perpetuação maior, voluntária ou involuntária, dos grupos que o produziram. Além disso, o monumento é um testemunho visual à “memória coletiva”, segundo Halbwachs (2004), de difusão maior, na maioria das vezes, do que os documentos escritos.

## À guisa de conclusão

Em suma, percebe-se que aos poucos foi se construindo – sobretudo em São Leopoldo, mas também em âmbitos maiores – um tipo de memória sobre Lindolfo Collor. Essa memória foi por diversas vezes consagrada, em rituais nacionais, passíveis das mais diversas utilizações. Tais comemorações podem ser pensadas, *a priori*, como consagração de valores específicos a determinado grupo social, que “rememorou” acontecimentos, episódios e significações na vida de Lindolfo Collor. É sempre bom lembrar que tais lembranças buscam sempre mais respaldo nos contextos de produção, do que, de fato, nos contextos sobre os quais elas versam.

Diferentes lembranças centradas na figura de Lindolfo Collor – sejam elas estudos, encontros, palestras, ou mesmo as próprias biografias – podem, num viés antropológico, ser pensadas como “rituais”, uma vez que a principal função delas foi representar acontecimentos passados, mas consagrados nos momentos das lembranças, carregando teatralizações e estéticas próprias dos momentos de produção (SILVA, 2011).

Em relatos construídos por historiadores, acadêmicos ou não, percebe-se que mesmo em biografias mais recentes sobre Lindolfo Collor – datadas do final dos anos 1980 e início dos anos 1990 – há uma *repetição* de elementos comuns às primeiras biografias que foram produzidas sobre ele. A partir do primeiro relato biográfico de maior expressão, proposto pelo



Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S.J. (1947), repete-se, por exemplo, a utilização de Lindolfo Collor como um dos expoentes do desenvolvimento político, social e econômico do município de São Leopoldo, como símbolo de integração do imigrante alemão ao contexto nacional. A repetição vale lembrar, é uma das formas pelas quais uma *tradição* pode se construir (HOBSBAWM; RANGER, 2012).

Essa representação, até os dias de hoje, permanece importante para o município. A cidade fomenta a imagem de “berço da imigração alemã”, o que pode ser visto, por exemplo, no principal feriado municipal, 25 de julho, que comemora a chegada dos primeiros imigrantes alemães à região, no ano de 1824. Concomitante a tais comemorações ocorre a *São Leopoldo Fest*, na qual são exaltadas, entre outras coisas, a culinária e a música “alemãs”. Em grande medida, essas festividades anuais comemoram um tipo específico do que se acredita que é “ser alemão” (WEBER, 2004)<sup>20</sup>.

Em suma, quem foi então, Lindolfo Collor? Quem já escreveu sobre ele, destacou, por exemplo, sua “inteligência”, sua “operosidade”. É considerado “mestre da retórica” por alguns, “veterano na observação estrangeira” por outro. Foi o “soldado da liberdade”, e também, “maior morto do que vivo”. Lindolfo Collor, nesses relatos, é lembrado como um “incorrupível”, quase um “Robespierre leopoldense”.<sup>21</sup>

Maurice Halbwachs (2004) destacou que uma lembrança é mais uma reconstrução do passado com dados “emprestados” do presente, já criada sobre reconstruções de épocas anteriores. Seguindo esse imbricado processo de construção de memórias, como os biógrafos preferiram lembrar-se de Lindolfo Collor? Talvez nunca se possa descobrir quem uma pessoa foi em sua totalidade, pois como muitos apontam, um relato biográfico, por mais completo e preciso que seja, nunca dá conta da totalidade de uma vida. Talvez ainda *quem foi realmente* Lindolfo Collor não seja a questão mais relevante para se compreender como se deu a construção de um tipo de memória sobre ele em São Leopoldo.

Como dito anteriormente, cada rememoração é produto antes do presente do que do passado. Recorre-se a um passado construído para explicar e/ou mesmo justificar o presente. Que aspectos da personalidade de Lindolfo Collor foram os mais lembrados? Como ele será

<sup>20</sup> Nesse livro, a autora analisa as comemorações da imigração alemã, sobretudo em São Leopoldo (1924-1949), e a busca por um passado simbólico, construído, entre outras coisas, pela consagração da data de “25 de julho” como marco da chegada de imigrantes alemães.

<sup>21</sup> Tais adjetivos são citados por pessoas que conviveram com Lindolfo Collor na ocasião de sua morte; seus depoimentos foram coligidos pela filha de Lindolfo Collor, Leda Collor de Mello. In: MELLO, Leda Collor de. *Retrato de Lindolfo Collor*. Dados sobre sua vida e sua obra. Rio de Janeiro – RJ, 1988.



lembrado daqui a alguns anos? Serão feitas outras associações de sua figura com a história de São Leopoldo? Que tipo de memória a cidade (e aqueles que a pensam) construirá sobre Lindolfo Collor? Ainda há lugar para essa personagem? Paul Ricoeur (2007) chama a atenção que, sob o manto da história, repousam a lembrança e o esquecimento; sob a lembrança e o esquecimento está a vida; e escrever uma vida é uma história bem diferente; é uma história inacabada.

## Referências bibliográficas

- Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo. 1846 – 1946. Porto Alegre – RS: Livraria do Globo, 1947.
- Anais do I Simpósio de História da Imigração e da Colonização Alemãs no Rio Grande do Sul. Comissão Executiva dos Festejos do Sesquicentenário da Imigração Alemã – Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais, 1974.
- Anais do II Simpósio de História da Imigração e da Colonização Alemãs no Rio Grande do Sul. São Leopoldo; Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Instituto Histórico de São Leopoldo, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia – a História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- COSTA, Licurgo. **Ensaio sobre a vida de Lindolfo Collor**. Florianópolis: Lunardelli, 1990.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico – escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HEINZ, Flávio M. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). **Revista Brasileira de História**. São Paulo – SP. Vol. 29, n. 58, 2009.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 7ª reimpressão. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- JAEGER, Luis Gonzaga. Filhos Ilustres de São Leopoldo. In: **Anais do Primeiro Congresso de História e Geografia de São Leopoldo**. 1846 – 1946. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947. p. 95-116.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- “Lindolfo Collor: Homenagem por ocasião do centenário do seu nascimento”. **Estudos Leopoldenses**. Vol. 27, n. 122. Março/Maio 1991, p. 37-56.
- LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.



- MAROBIN, Luiz. Lindolfo Collor – Jornalista e escritor. In: Lindolfo Collor: Homenagem por ocasião do centenário do seu nascimento. **Estudos Leopoldenses**. Vol. 27, n. 122. Março/Maio 1991, p. 37-56.
- MELLO, Leda Collor de. **Retrato de Lindolfo Collor**. Dados sobre sua vida e sua obra. Rio de Janeiro, s. e. 1988.
- MOOG, Clodomir Vianna. O Leopoldense Lindolfo Collor. **Anais do II Simpósio de História da Imigração e da Colonização Alemãs no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo; Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Instituto Histórico de São Leopoldo, 1976. p. 19-41.
- MOREIRA, Maria Eunice. **O arquipélago cultural brasileiro**: a interpretação de Vianna Moog. Porto Alegre – RS. Letras de Hoje. Vol. 46, n. 4. Out/Dez 2011, p. 83-88
- MÜLLER, Telmo Lauro. “Lindolfo Collor fruto da imigração alemã”. **Anais do VIII e IX Simpósios de História da Imigração e da Colonização Alemãs no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo; Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Instituto Histórico de São Leopoldo; Editora Amstad, de Nova Petrópolis, 1998a, p. 210-223.
- \_\_\_\_\_. “A Real Feitoria do Linho-Cânhamo e sua Decadência”. **Anais do IX Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs**. Instituto Histórico de São Leopoldo, 1998b. p. 66-71.
- PETRY, Leopoldo. **São Leopoldo**: berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul. 2. ed. São Leopoldo: [s.N.], 1964. 2 v.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989, p. 3-15
- Relatório Biênio da Colonização e Imigração. Estado do Rio Grande do Sul; República Federativa do Brasil, 1976.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. “La biografía como género historiográfico – algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales”. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O Biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 9-48.
- ROSE, R. S. **Uma das coisas esquecidas** – Getúlio Vargas e controle social no Brasil/1930-1954. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.
- SILVA, Camila. **Do passado ao futuro** – a escrita comemorativa do centenário farroupilha na imprensa porto-alegrense. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, 2011.
- Simpósio sobre a Revolução de 1930. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre; ERUS, 1980.
- VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. Lindolfo Collor e a Plataforma Modernizadora da Aliança Liberal. **Anais do VIII e IX Simpósios de História da Imigração e da Colonização Alemãs no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo; Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Instituto Histórico de São Leopoldo; Editora Amstad, de Nova Petrópolis, 1998. p. 192 – 209.
- WEBER, Roswithia. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul**: o “25 de julho” em São Leopoldo, 1924-1949. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.

*Recebido em Julho de 2013.  
Aprovado em Agosto de 2013.*